

EU & Cultura

NO REINO DE LOBATO

Autores de adultos enveredam pelo mundo das crianças

Manoel de Barros e Ferreira Gullar são escritores que se arriscam pela literatura infantil. Por **Débora Guterman**, de São Paulo

A escritora Ana Maria Machado, em entrevista ao **Valor** em abril, mês da Bial do Livro, em São Paulo, afirmou que não entendia nada de criança, somente de linguagem. Ela não julgava a afirmação contraditória ao seu percurso literário: 105 livros infanto-juvenis publicados, fora 4 títulos adultos. Da relutância inicial do ouvinte ao aceno com a cabeça, em concordância, o curso é o do bom senso. Como, então, "autores de adultos" poderiam estar fazendo um e outro rabisco para as crianças?

"Foi-se o tempo em que a literatura infantil era vista com um caráter utilitário — sempre acompanhada de encarte com atividades; essa postura forma 'desleitores'", observa Pascoal Soto, editor da Moderna e da Salamandra e editor de Manoel de Barros, Thiago de Melo e Ferreira Gullar — todos para criança. "Depois da década de 80, entramos num período de 'crise criativa' entre os autores de infantis; mas hoje essa realidade começa a mudar, tendo os autores de adultos um papel importante nesse momento", continua.

Afinal, o escritor deve ter com a palavra a mesma relação de uma criança com seu brinquedo. "Eu disse uma vez: poesia tem de chegar ao grau de brinquedo para ser séria. Depois li coisa parecida em Guimarães Rosa. Ele dizia que a coisa mais séria que ele conhecia era brincadeira de criança", comenta o escritor Manoel de Barros, que, depois de 12 títulos para adultos, lançou, no ano passado, "Exercícios de Ser Criança", ganhador do Jabuti. Este ano, repete a experiência: entregou, na semana passada, um inédito

para Pascoal.

A escritora Elisa Lucinda, que em abril estreou na prosa infantil com "Menina Transparente", também pela Salamandra, concorda com Manoel. "Gosto de brincar com absurdos, não sou agarrada a um conceito. Isso traz certo encanto a meu trabalho para gente grande. Mas, para os adultos, eu disfarço a criança, porque eles se espantam e reagem. Com crianças, me sinto em casa", diz ela, com outro infantil nas mãos, "O Menino Inesperado", sem data de lançamento, e um adulto, "Contos de Vista", a ser lançado pela Editora Record.

Faz coro à dupla a romancista Rachel de Queiroz, que tem publicado pela Editora Siciliano três livros infantis (ante 18 adultos). "Deve-se escrever sério para crianças; elas têm espírito muito crítico. Nada de criar uma linguagem, de escrever pequenino, senão a sua literatura fica pequenina", alfineta ela, que diz ter começado a escrever para o público mirim quando nasceram seus netos, Flávio e, depois, Daniel, hoje adultos.

Manoel sempre afirmou que "a infância nutre o adulto de poesia, porque ela sabe das gratuidades. Que supre também o adulto do olhar primeiro sobre o mundo. O olhar que deslumbra, o olhar que descobre, o olhar arregalado! Seja o artista criança ou adulto, o olhar arregalado é necessário. As coisas que estão aí, como estão, causam desapetite aos artistas", garante.

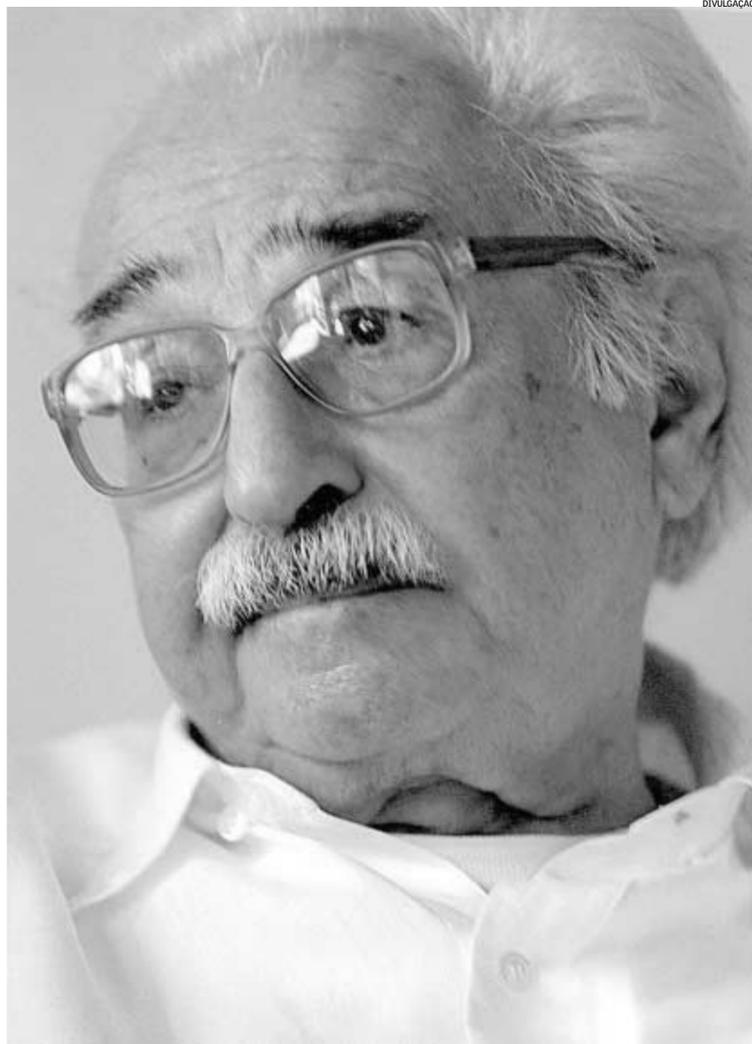
É, viver de infância significa não se acomodar diante do que vê. Manoel sofre de uma vontade grande de mudar as coisas. "Quero ver por dentro, quero ver de

costas, quero ver de retravés. Quero 'desver'. É muito perigoso desver. Eu gosto de ser um pouco o menino que sonha avoar, a criança que deseja fugir. Penso que tudo isso é dom de imaginar. Imaginação é perigosa. Eu sempre imaginei fazer um verso que encostasse no milagre. Essa é uma pretensão para santo", conforma-se ele, que somente após quase três anos de conversa com Pascoal se convenceu de que poderia escrever para criança.

Convencer, porém, Ferreira Gullar é impossível. Nem depois de ter escrito um livro, "O Gato Chamado Gatinho", que sairá este mês, ele admite a escapadela. "Não sou um escritor de literatura infantil nem tenho experiência nisso. O primeiro livro de minha autoria não escrevi pensando em fazer literatura para criança, mas para meu gato. Quando fui produzindo, comecei a se formar a idéia de fazer um livro com poemas de que as crianças gostassem", diz. O poeta septuagenário já havia falado de "Gatinho..." para os adultos, no ano passado, no poema "Ouvindo Apenas", de "Muitas Vozes".

Manoel diria que, assim como ele, Gullar foi tomado pelas letras: "Se estou em estado infantil, que a palavra seja posse de meu estado infantil. Se estou atolado em contradições de adulta, que a palavra tenha a posse dos meus desentendimentos."

Mas, ao contrário de seus colegas, Gullar pensa que todo gênero literário tem uma técnica. Julga que não a tem, que não sabe contar uma história para criança. Entende-se sua falta de verve infantil quando se ouve Manoel. "Quero confessar: eu não sei con-



Manoel de Barros: três anos de conversa com o editor até escrever o primeiro livro infantil, premiado com o Jabuti

reconhece que escrever foi tarefa fácil; dificuldade teve no tema. Realmente, esse é o maior desafio por que passa um autor. Elisa se resente do acesso à linguagem da nova criança. Rachel espera os bisnetos para retomar o exercício da literatura infantil. "Preciso de leitores", brinca.

E Manoel? Bem, Manoel sempre afirmou que as coisas têm de ser vistas "sempremente" pela primeira vez. "Entretanto, oh entretanto! não há de ser apenas com o olhar arregalado nem apenas com as gratuidades da infân-

cia que se há de produzir obras de arte. É preciso fazer o equilíbrio harmonioso das palavras. E isso se faz com o instinto e com o saber lingüístico. Mas isso é velho como chover."

Ele jura que não faz nenhuma pirueta para se identificar com a criança. São as palavras que fazem pirueta. "Os doutos dizem que a palavra é um instrumento para comunicar idéias ou expressar pensamentos. Mas eles são doutos e a gente é apenas poeta", justifica Manoel, o "equilibrista das palavras".

SEGREDOS DE GABINETE

Os meandros do poder e a face do homem Juscelino

"Gaiola Aberta (Tempos de JK e Schmidt)". De Autran Dourado. Editora Rocco, 228 págs.

André Luiz Barros

Para o **Valor**, do Rio de Janeiro

"Levei quase 40 anos para ter coragem de escrever este livro". A frase do escritor Autran Dourado, 74 anos, dá a dimensão da dificuldade de se revelar os bastidores do poder presidencial no Brasil, mesmo quando se tem as musas da escrita a seu favor.

Vencedor do Prêmio Camões, oferecido pelo Instituto Camões, de Lisboa, pelo conjunto de seus romances e contos, hoje reeditados pela Editora Rocco, e com livros traduzidos em vários países — entre eles França, Inglaterra, Holanda e Noruega e EUA —, tendo seu romance "Ópera dos Mortos" entre os representativos da literatura universal, segundo a Unesco, Autran lança agora "Gaiola Aberta (Tempos de JK e Schmidt)" (Rocco, 228 págs.) como forma de dar voo solto a uma memorialística dos meandros do poder que obriga uma revisão do período em que Juscelino Kubitschek foi presidente, e Autran um de seus taquígrafos, redator de discursos e assistente em serviços vários (muitos, negócios políticos sigilosos), durante sua presidência até a mudança para Brasília, para onde Autran não quis ir.

O subtítulo "Tempos de JK e Schmidt" dá uma pista do que



Autran Dourado desconstrói JK: o ex-presidente era muitas vezes rude e não tinha paciência para certas visitas

aguarda os leitores: as figuras que emergem mais bem delineadas do livro são JK, "desconstruído" a ponto de despir-se da mitologia que o cerca, e Augusto Frederico Schmidt, o poeta, empresário e "eminência parda" do governo (apesar de nunca ter assumido nenhum cargo), cuja dimensão no momento político brasileiro é agora revelada.

"Um fator fundamental para o sucesso do governo JK foi a pre-

sença do Schmidt. Sem ele, JK não teria sido JK. Era um político e homem de idéias brilhante e influente, e Juscelino soube se valer desse talento com muita discrição", diz Autran. O escritor, que ficou amigo de Schmidt e resistiu o quanto pôde à sua campanha para que Autran se tornasse memorialista, conta no livro como o poeta idealizou toda a Operação Panamericana. Tratava-se de uma genial reivindicação de

aporte de financiamentos para a América Latina (tendo à frente o Brasil) nos moldes do Plano Marshall, que no pós-guerra significara a recuperação da Europa graças a empréstimos generosos dos americanos. Cartas e conversas trocadas com representantes americanos, como o embaixador Foster Dulles, surgem no livro de forma a compor um perfil impressionante de Schmidt. "Uma vez ele me perguntou por que ha-

via tanta irritação contra ele no país. Eu disse: 'Schmidt, o problema é que você é uma caricatura de capitalista, com esses charutos, não é muito chegado a povo. Como você quer que ele goste de você?', conta Autran.

Juscelino não tinha problema em lidar com o povo, muito pelo contrário. "Se deixassem ele falar, conquistava a audiência com facilidade", diz Autran. Esse enorme talento para falar com o povo em comícios, rádios e TVs, aliado ao riso simpático, contrabalançou defeitos graves, alguns deles vindo à tona pela primeira vez. Um deles era a intensa vida extra-gabinete do presidente. "Ele não esquentava a cadeira de seu escritório", diz Autran.

Sem citar nomes das misteriosas amantes do presidente ("Isso é fofoca, nunca faria um livro para relatar isso", diz o autor), Autran traça o perfil de um líder populista, hábil em atrair simpatias e contornar graves crises de governo, capaz de discursar sem ler previamente o discurso, ou de memorizá-los em leituras dinâmicas. "Ele era extremamente impaciente com o lado burocrático do poder. Muitas vezes, se negava a receber certas pessoas, mesmo figuras importantes do governo. E quando estava nervoso era extremamente rude. Aquela imagem do homem sempre pronto a receber em seu gabinete não corresponde à verdade. Achar que ele era sempre uma dama delicada é errôneo", diz. O

resultado é um retrato inédito do homem JK. "Creio que o juscelinista típico não vai gostar, porque acha que o único JK que existe é o mito, que tentam reerguer até com novas teorias sobre sua morte", resume Autran.

Autran credita ao amigo e crítico literário Silviano Santiago a quebra das resistências para que escrevesse o livro. Com jeito e paciência, Silviano mostrou-lhe como a falta de documentos (Autran queimou alguns sigilosos e esclarecedores de negociações internacionais quando soube que seria preso, durante a ditadura militar) e o inevitável desgosto de uns ou outros não impediam que escrevesse o livro.

Com estilo fluido e flashes rápidos, "Gaiola Aberta" é um raro exercício literário-memorialístico comum em outros países e culturas, mas raro no Brasil. Quanto ao fato de ser um funcionário de baixo escalão a narrar os fatos da época, o próprio Autran tem a melhor justificativa, que traí uma fina ironia: "Ao que se saiba, Maquiavel só exerceu modestos cargos e foi encarregado de algumas missões. No entanto, quem ler 'O Príncipe' verificará que não é muito comum encontrar um político como ele (...), cujo perigoso livro influenciou e continua a influir em políticos alfabetizados que o lêem, utilizando-se de seus conselhos inteiramente amorais". Aos alfabetizados, então, "O Príncipe" de Autran pode ter alguma serventia.